

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO

EDILAINE ISABEL FERREIRA AQUINO

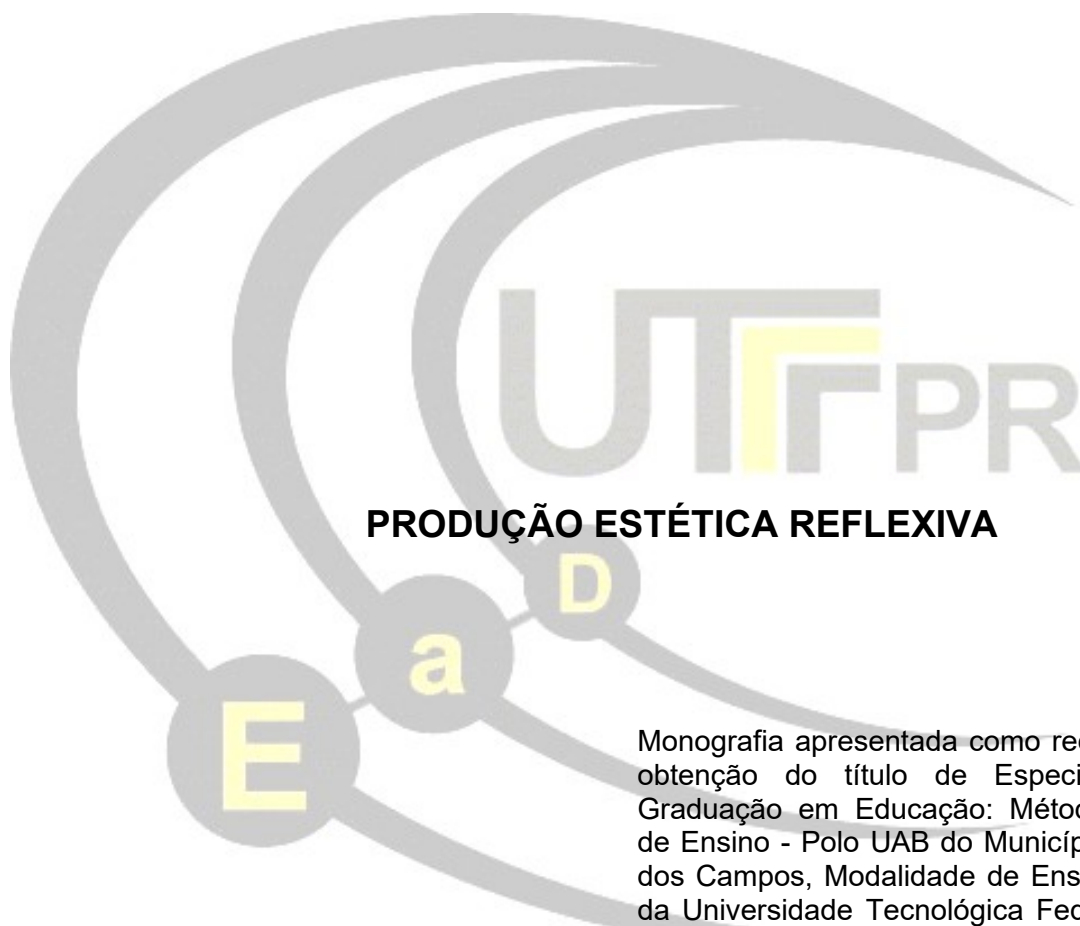
PRODUÇÃO ESTÉTICA REFLEXIVA

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIR

A 2018

EDILAINÉ ISABEL FERREIRA AQUINO



PRODUÇÃO ESTÉTICA REFLEXIVA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de São José dos Campos, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof^ª. Dr. Ricardo dos Santos

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIR

A 2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Educação: Métodos e Técnicas
de Ensino



TERMO DE APROVAÇÃO

Produção Estética Reflexiva

Por

Edilaine Isabel Ferreira Aquino

Esta monografia foi apresentada às .09:10..... do dia 23 **de Junho de 2018** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de .UAB do Município de São José dos Campos, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho ..aprovado.....

Prof^ª. Dr.Ricardo dos Santos.....
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Prof Ma. .Eliane Bianchi Wojslaw.....
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^ª. Ma. .Neusa Idick Scherpinski...
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico este trabalho a todo arte/
educador que acredita que a Arte
pode tocar as vidas transformando e
libertando da cegueira imposta pelo
reinado do capitalismo.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador professor Dr. Ricardo dos Santos pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Campus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Aos amigos Ivan Rubens e Luciana Ferreira que contribuíram para o exercício do olhar para uma educação democrática.

Ao amigo e companheiro Del Aquino pela caminhada a favor do ensino da Arte.

Aos amigos artistas que doaram parte de si (suas obras) a este trabalho.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“A inteligência é um serviçal que não acorda com a violência. Gritos e barulho são incapazes de despertá-la do seu sono. Como na estória da Bela Adormecida, basta que o amor a toque suavemente para que acorde do seu sono e se ponha a trabalhar furiosamente”. (RUBEM ALVES)

RESUMO

AQUINO, Edilaine Isabel Ferreira. Produção estética reflexiva. 2018. Quarenta e sete folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

Este trabalho tem como tema central a Produção Estética Reflexiva no ensino de Arte no Brasil. Apresenta-se um breve histórico dos estudos da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa e a criação de um documento educacional nacional chamado Parâmetros Curriculares Nacionais. A pesquisa traz uma concepção social para o ensino da Arte no lugar de uma visão utilitária, que tem ocupado espaço nas salas de aula brasileiras até os dias atuais. Sequências de atividades são sugeridas para professores de Arte com o propósito de promover uma reflexão dialógica sobre Arte e história de vidas, Arte e a localidade, Arte e materialidades e Arte como um objeto simbólico. Este estudo foi desenvolvido com base nos parâmetros de uma Abordagem Triangular com o objetivo de apresentar sugestões de atividades de Arte que conduzam à uma leitura de mundo, à análise crítica, à criação reflexiva e à uma concepção da Arte como linguagem, com códigos e signos próprios. Este trabalho acadêmico apresenta uma sequência de atividades para professores de Arte tomando-se como análise obras de artistas locais (São José dos Campos), para o desenvolvimento de uma prática educacional e uma experiência estética. As atividades mostram uma maneira de ensinar Arte que procura desenvolver valores cognitivos, morais, intelectuais e emocionais. Este estudo apresenta a Arte como uma necessidade essencial à vida, à evolução do espírito, à integração social e ao desenvolvimento do pensamento crítico, não como um interesse econômico.

Palavras-chave: Arte. Abordagem Triangular. Ensino educacional. Experiência Estética.

ABSTRACT

AQUINO, Edilaine Isabel Ferreira. Reflexive Esthetic Production. 2018. Fifty one sheets. Monograph (Specialization in Education: Methods and Teaching Technics). Federal Technological University of Paraná, Medianeira, 2018.

This academic work has as central theme the Reflexive Esthetic Production within the teaching of Art in Brazil. It presents a brief history of the studies on the Triangular Approach proposed by Ana Mae Barbosa and the creation of a national educational document called National Curricular Parameters. This study exposes a social conception for the teaching of Art instead of the utilitarian one, that has been taking place in Brazilian classes so far. Sequences of activities are suggested for Art teachers with the purpose of promoting a dialogical reflection about Art and life history, Art and locality, Art and materiality and Art as a symbolic object. This study was developed based on the Triangular Approach parameters with the purpose of presenting suggestions of activities for Art teachers which lead to reading the world, to critical analysis, to a reflexive creation and to a conception of Art as a language with codes and signs of its own. This academic work presents a sequence of activities that takes for the analyses some artworks from local artists (São José dos Campos) to develop an educational teaching practice and an esthetic experience. The activities show a way of teaching Art that aims to develop cognitive, moral, intellectual and emotional values. This study presents Art as an essential need for life, for the evolution of spirit, for social integration and for the development of critical thinking, not as an economic interest.

Key – words: Art. Triangular Approach. Educational Teaching. Esthetic Experience.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - ABORDAGEM TRIANGULAR.....	14
FIGURA 1 – ABORDAGEM TRIANGULAR.....	21
FIGURA 2 – VITROLA E VINIS.....	26
FIGURA 3 – ARARA E ACESSÓRIOS.....	26
FIGURA 4 – ELEMENTOS CULTURAIS.....	26
FIGURA 5 - TECNOLOGIA- TRABALHO, FOTO VÍDEOS.....	27
FIGURA 6 - MESTRES LOCAIS E CULTURA DA INFÂNCIA.....	27
FIGURA 7 – FIGURINOS – BALÉ.....	27
FIGURA 8 - CARTÕES POSTAIS- PATRIMÔNIOS DA CIDADE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS.....	28
FIGURA 9 - OBRA DESLOCANDO I, ANO: 2017, TÉCNICA: ACRÍLICO SOBRE TELA E COLAGEM- DIMENSÕES: 2,5 X 1,6 M, ARTISTA: MICHAEL SILVA.....	30
FIGURA 10 – OBRA DESLOCANDO I DETALHE 1.....	31
FIGURA 11 – OBRA DESLOCANDO I DETALHE 2.....	31
QUADRO 1 – REFLEXÕES SOBRE A OBRA.....	32
FIGURA 12 – FOTO DO ARTISTA MICHAEL SILVA.....	33
QUADR 2 – REFLEXÕES SOBRE A OBRA.....	36
FIGURA 13 – FOTO DA ARTISTA TATIANE MORAES.....	37
FIGURA 14 - FOTO DE SEU FERREIRINHA.....	39
QUADR 3 – REFLEXÕES SOBRE A OBRA.....	39
FIGURA 15 - FAMÍLIA FERREIRA.....	40
FIGURA 16 – OBRA JOSÉ.....	40
FIGURA 17 – OBRA VIDA NA ROÇA.....	41
FIGURA 18 – OBRA CHARRETEIRO.....	41
FIGURA 19 – OBRA ZÉ DO PITO.....	41
FIGURA 20 - FOTO SEU FERREIRINHA TRABALHANDO.....	42
QUADRO 4 – REFLEXÕES SOBRE A OBRA.....	42
FIGURA 21 – REGISTRO DA VISITA AO ESPAÇO DE SEU FERREIRINHA.....	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	13
3 HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL.....	15
3.1 ENSINO DA ARTE – ABORDAGEM TRIANGULAR.....	18
3.2 ENSINO DA ARTE HOJE E A SOCIEDADE.....	21
4 PRODUÇÃO ESTÉTICA REFLEXIVA.....	24
4.1 Experiências e saberes.....	25
4.2 “Aqui é o meu lugar”.....	30
4.3. Tenho corpo para comunicar no espaço.....	35
4.4. Crio porque respiro.....	38
5 ARTE COMO NECESSIDADE.....	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

O presente trabalho oferece uma reflexão sobre propostas práticas em arte, corroboradas por proposições com a intencionalidade de estimular a concentração do sujeito sobre sua história cultural, sua localidade e sobre suas formas de se comunicar no mundo e com o mundo, sendo a produção estética reflexiva um importante canal de conhecimento. O estudo apresenta o histórico do ensino de Arte no Brasil e uma visão geral da denominada abordagem triangular, assim como algumas possibilidades de práticas sequenciadas em arte. Em resumo, este trabalho, focaliza-se no estudo da Arte enquanto necessidade para a vida.

O problema que motivou o estudo trata-se do incômodo a respeito das práticas artísticas propostas na escola estarem ainda em amarras da época colonização brasileira, distante do olhar local, da cultura e da expressividade do indivíduo contemporâneo. Neste sentido, pode-se observar que no momento atual da Educação brasileira imperam as discussões dos conhecimentos canônicos ante os conhecimentos empíricos, estabelecendo as grades e muros entre esses saberes, desconsiderando os sujeitos no campo educacional, protagonistas marcantes do presente.

Conforme relata Machado (2002) na introdução do livro “John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil”, ao citar Ana Mae que diz “Sem o conhecimento de si e a consciência da própria história, não é possível reinventar o presente”(MAE, citado por DEWEY, 2002), diante disso, justifica a necessidade de pensar práticas escolares em Arte para que alunos vivenciem provocados a reflexão constante das ações no território do criar, território do sentir e no território do ser, conceitos pouco interessantes aos poderes dominantes da sociedade.

A pesquisa foi norteada pelas seguintes perguntas: *A Arte produzida pelos alunos é reconhecida como produto de uma cultura e expressividade subjetiva do sujeito? As propostas oferecidas como práticas artísticas na escola colaboram para reflexão do aluno sobre sua história cultural, com menor enfoque nas técnicas ou contextos estrangeiros? As criações em arte incitadas no espaço escolar provocam o conhecimento de si no mundo e do seu espaço local?*

Espera-se que este estudo possa colaborar com o Ensino de Arte na escola, para reflexão dos arte/educadores diante do compromisso de educar para uma sociedade que entende sua história e que as relações simbólicas são fundamentais

para recriar os tempos de frieza e distanciamento humano. Deseja-se que o professor busque formas e métodos para que os estudantes sejam sujeitos que sentem, pensam e comunicam-se esteticamente de maneira consciente da Arte como linguagem, da Arte na sua localidade e sociedade, da sua história como sujeito pertencentes ao um espaço, e que conheçam e reconheçam os artistas da própria cidade e tenham o olhar para Arte como necessidade existencial.

Este trabalho tem por objetivo trazer em pauta a necessidade da Arte para vida, por isso, estimular no processo educativo a experiência estética reflexiva como conhecimento torna-se indispensável. As sugestões de práticas que permeiam o pensamento reflexivo nas etapas do estudo em Arte, forçosamente exigirão de todos envolvidos a análise, direcionando o olhar para o contexto de um lugar, famílias e suas origens.

Entretanto, o grupo viverá o desafio das diversas histórias de vida que contribuem para produção em Arte, naturalmente trazendo a mostra as afinidades com determinadas linguagens existentes no lugar.

Deseja se evidenciar a importância da observação detalhada do processo de elaboração da própria obra artística por parte do próprio autor e/ou dos demais envolvidos no processo, como nutrição e material de conhecimento.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Considerando a problemática onde práticas artísticas no ensino de Arte tem a tendência de valorizar a história mundial como ponto de partida, esquecendo a história do sujeito estudante, produtor de sentido, produtor de cultura e de linguagem. E ainda neste contexto, fato natural é esquecer dos artistas locais e dos produtores culturais, ato que desfavorece a apropriação das práticas artísticas como ação natural do ser humano.

O estudo privilegia o levantamento bibliográfico, com o objetivo de validar ações didáticas no ensino de arte que afirmem a importância da reflexão estética sobre a própria produção do autor/estudante e a reflexão sobre a arte da localidade e suas influências no contexto contemporâneo.

Para tanto, será exposta a história do ensino de Arte no Brasil, algumas concepções e a tentativa de implementação em sistemas de ensino e também o movimento das escolinhas de arte. O olhar central deste estudo estará na abordagem triangular proposta por Ana Mae Barbosa e a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais e um breve registro do ensino de arte e a sociedade hoje.

Diante desse percurso bibliográfico será apresentada várias sequências didáticas para professores, de maneira favoreçam a leitura de obras de arte e das próprias obras, conhecimento histórico, a percepção da história pessoal e realidade atual, o fazer em arte individual e coletivo, provocados a pensar na Arte como necessidade da condição humana.

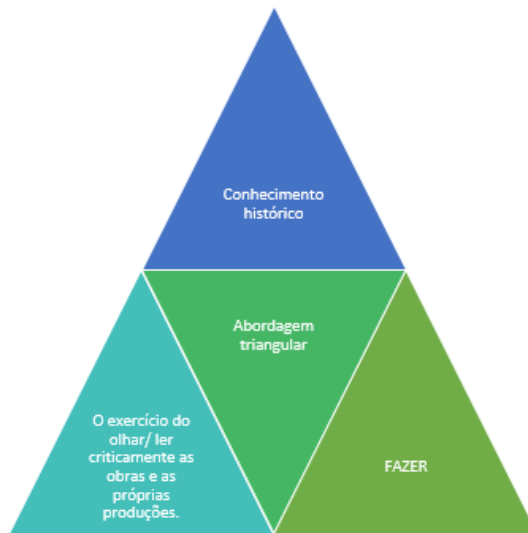


Figura 1 – Abordagem triangular
Fonte: Autoria própria

3 HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL

Este capítulo tem como objetivo apresentar traços da História do Ensino da Arte no Brasil com a finalidade de compreender o por que ainda vemos muitas práticas que não dialogam com o aluno da contemporaneidade brasileira. Pode se dizer que o Ensino da Arte no Brasil começa com os jesuítas, pois para catequizar utilizava-se da arte como ferramenta de ensino, com foco na oratória.

Entretanto, oficialmente o ensino de Arte inicia-se em 1826, quando Dom João VI trouxe a missão Francesa, incumbida de instituir a escola de ciências, artes e ofícios, para atendimento da classe operária. Porém, essa missão não se tornou realidade imediatamente, e assim passaram-se dez anos, e antes mesmo da escola abrir suas portas transformou-se em Academia de Belas Artes.

Com essa mudança de rumo, altera-se também o público que frequentaria e conseqüentemente sua concepção, sendo a Arte ministrada conforme os modelos acadêmicos europeus, diferente da ideia inicial, que seria atender aos trabalhadores, ofertando um ensino conectado com as necessidades vigentes.

A partir de 1870, primeiro período de desenvolvimento industrial no Brasil, começou a se discutir a necessidade do ensino de desenho para as escolas. O desenho gráfico, decorativo, industrial e outras modalidades do desenho foram fortemente enfatizado no ensino escolar. A repetição e perfeição dos traços eram sumamente valorizados. Havia uma distinção no ensino de acordo com a classe a que se pertencia.

Para a classe operária o objetivo era a preparação para o trabalho nas fábricas e também produções artesanais, ao contrário do que era ministrado para alunos da camada da elite, ou seja, conteúdo baseados nos conceitos aristocráticos de elevação do espírito e estética.

Entre os anos de 1914 a 1927 o Brasil viveu a valorização da livre expressão, era o movimento da Psicologia em prol da criança como ser humano com características próprias. O desenho foi usado como objeto de investigação dos processos mentais. Era o princípio da rejeição aos modelos prontos, a criança produzia a partir da sua própria imaginação. De acordo com Ana Mae, nesse período iniciava as primeiras escolas de arte extracurricular. Em São Paulo foi criada a Escola Brasileira de Arte patrocinado por Isabel Von Ihering, que era presidente de uma sociedade beneficente, mas com a concepção da professora da rede pública

Sebastiana Teixeira de Carvalho. E também as aulas de Anita Malfatti que ocorriam em seu ateliê ou na Escola Mackenzie. (BARBOSA,2014)

Em 1929 de acordo com Ana Mae, o diretor Geral de Instrução da Bahia Anísio Teixeira, após uma viagem pelo Estados Unidos para conhecer a organização escolar e realizar alguns cursos com John Dewey, sugere a reorganização do Sistema Educacional da Bahia com ênfase na unificação das escolas e a igualdade de oportunidade de educação para todas as classes sociais, rejeitando os métodos livrescos e currículos acadêmicos “clássicos”, e favorecendo o termo expressão nas atividades primárias, resultante dos estudos com Dewey. Dito de outra maneira, o programa estimulou a expressão através de atividades simbólicas. (BARBOSA,2002) Em 1930, Teixeira introduziu a educação corporal e manual nas escolas primárias, defendia que o desenvolvimento educacional deveria considerar o corpo, e desta maneira Teixeira revolucionou o ensino na Bahia, e até hoje, conforme relata Ana Mae continua sendo o estado brasileiro com ênfase na expressão corporal, dança e teatro. (Barbosa,2002)

Após a implantação do ensino de Arte na Bahia, Anísio Teixeira foi convidado para integrar o recém-inaugurado Ministério da Educação, ocupando função significativa na administração educacional Brasileira e pode expandir as ideias de John Dewey, sendo elas a democracia na experiência coletiva e na relação, a interação com o meio ambiente, a educação contínua e a ciência como forma de investigação. A fragilidade na filosofia de Teixeira foi não valorizar a experiência estética / “arte como experiência”, singular na concepção de John Dewey.

Anísio Teixeira também foi responsável pela criação do primeiro curso de formação de professores de desenho na Universidade do Distrito Federal, tendo entre o corpo docente personagens importantes como Mario de Andrade e Portinari, porém o estado político ditatorial na era Vargas que vigorava no país, interrompeu seu funcionamento, deixando sem destino os discentes.

Um pouco mais tarde, por volta de 1960 e 1965, em uma nova tentativa, Teixeira cria na Universidade de Brasília o curso de Arte interdisciplinar, o estudante podia escolher disciplinas optativas em qualquer unidade da universidade e as oficinas nos ateliês dos professores. Entretanto, Ana Mae expressa “as ditaduras do Estado Novo e a militar exterminou os cursos mais significativos na experiência de arte/educação no país, fortalecendo no ensino o desenho geométrico, o desenho

pedagógico e as cópias de estampas usados nas demais disciplinas”. (BARBOSA,2014)

Nesse cenário, em 1930, de um outro lado, temos o maestro Heitor Villa Lobos que consegue instituir o projeto de canto orfeônico nas escolas. Os corais seguem a linha da memorização dos hinos pátrios e de letras de músicas folclóricas. Havia uma forte discussão da necessidade de um ensino que valorizasse a identidade brasileira, em busca da identidade cultural.

O maestro não desistiu em reforçar ao governo da época, Getúlio Vargas, a necessidade da valorização da música raiz (folclórica), usando como pretexto a importância da música genuinamente brasileira como a melhor vitrine do Brasil ao exterior. Nesse momento também, temos o movimento da Escola Nova, artistas lutam por uma educação libertária. No caso específico da Música a escola nova defendia a educação para o povo, inspirados em pedagogias das escolas da Europa.

Diante deste quadro, iniciam-se os ateliês para crianças em várias cidades do país e as Escolinhas de Arte do Brasil, com a proposta neo-expressionista, como o objetivo de liberar a expressividade sem a interferência de modelos ou por adultos. Mas a ditadura de 1964 fez o desserviço em fechar todas as escolinhas de arte, perseguindo os professores, criando um currículo para as escolas secundárias e primárias com atividades que atendessem as comemorações cívicas, religiosas e outras festas.

Como dito acima, a Universidade de Brasília, instituição que muito favoreceu o conhecimento em arte com as ideias da escola de Bauhaus foi fechada e muitos docentes se demitiram. Somente algumas escolas elitistas particulares tinha a arte em seus currículos propondo em suas práticas o ensino de técnicas variadas, nas escolas públicas apenas o ensino geométrico era ofertado, (BARBOSA,2014).

A obrigatoriedade do ensino de Arte inicia em 1971 com a prática da polivalência estabelecido pela reforma educacional implantada pela Lei 5694/71. Um mesmo professor era incumbido em ministrar as artes plásticas, a música, e as artes cênicas (teatro e dança). Foram instituídos cursos de licenciatura curta para formação de professores de educação artística, sendo possível completar a formação com a licenciatura plena.

Apenas alguns estados preocupados desenvolveram formações para preparação de professores para atender as orientações dos guias curriculares. E para auxiliar os Estados devido a situação, em 1977 o MEC cria o Programa de

Desenvolvimento Integrado de Arte/educação – Prodiarte, dirigido por Lúcia Valentim, com a preocupação de melhoria da educação artística na escola, aproximando a comunidade ao artesão, aluno e professores.

Neste período iniciaram-se os encontros para discutir arte/educação, o Estado do Rio de Janeiro em 1977 promoveu um evento, mas evitou as questões políticas. Diferentemente ocorre em 1980 em São Paulo na Semana de Arte e Ensino, onde nasce o Núcleo Pro Associação de Arte Educadores de São Paulo, com força para os enfrentamentos políticos. E a primeira ação vitoriosa deste núcleo foi o fato que Ana Mae descreve:

São Paulo estava sob o domínio de um político de direita, Paulo Maluf, que por tocar piano, manipulava os arte/educadores, sugerindo que passassem o ano treinando seus alunos a cantar algumas músicas para serem apresentadas no Natal com um coral de dez mil crianças, acompanhadas por ele ao piano, num estádio de Futebol. Como prêmio os professores que preparassem suas crianças teriam cinco pontos de acesso à carreira docente, quando um mestrado valida dez pontos. (BARBOSA, 2014, p.12)

A ação contra esse fato foi vitoriosa, a festa natalina aconteceu, porém, os professores não foram premiados.

3.1 ENSINO DE ARTE – ABORDAGEM TRIANGULAR

A década de 80 foi um período marcante na história do Ensino de Arte no Brasil, ocorrendo a disseminação do pensamento pós-modernos na concepção de ensino de arte. A Semana de Arte Ensino impulsionou politicamente os arte/educadores, e depois deste momento foram criados vários cursos de extensão, muitos cursos de licenciatura, vários congressos e festivais trazendo benefícios ao ensino como diz Ana Mae Barbosa:

Outro fator que influiu positivamente na qualidade do pensamento sobre o ensino de arte foi a ação política desencadeada por vários congressos e festivais, dentre eles o Festival de Ouro Preto; o Festival de inverno de Campos de Jordão de 1983, onde primeiro se trabalhou na arte/educação com leitura ou análise de TV, Congresso sobre História e Ensino da Arte, em que primeiro se introduziu oficinas de arte e novas tecnologias na arte educação(1984), Primeiro Festival Latino Americano de Arte e Cultura (1987), Simpósio sobre Ensino da Arte e sua História (MAC/USP,1989), assim como a atuação de Associações Regionais e Estaduais reunidas na Federação de Arte Educadores do Brasil. (BARBOSA, 2014, p.13)

Em uma atmosfera pós-modernista foi sistematizada a proposta triangular promovida por Ana Mae Barbosa, depois de algumas pesquisas em vários lugares, como na Inglaterra o sistema critical studies e Estados Unidos DBAE, Disciplined Based Art Education, sendo o DBAE o sistema mais influente em vários países.

Ana Mae (2014) nos conta que a Proposta Triangular foi amplamente discutida, pesquisado e começou a tomar proporção significativa depois do Festival de Campos de Jordão em 1983 e em São Paulo entre 1987 e 1993 no Museu de Arte contemporânea da Universidade de São Paulo, ambos momentos e espaço em especial tornaram-se laboratório importante para proposta em questão.

Acima está expresso o período do nascimento público de um trabalho que Ana Mae já vivenciava em suas práticas como docente. Fato que muito se atribuiu à sua experiência como aluna de Paulo Freire e Noêmia Varela. Ambos personagens marcantes nas Escolinhas de Arte em Pernambuco e Educação Brasileira.

Esse contato de formação pessoal, contribuiu para sua postura profissional quanto pesquisadora, para florescer uma nova forma de ensinar arte, enriquecendo a formação de muitos arte/educadores e cooperando para mudar os rumos educativos em arte no Brasil.

A proposta triangular defende o conhecimento histórico para ampliação do repertório imagético, o exercício do olhar para ler criticamente as obras e as próprias produções.

Dito de outra maneira, essa proposta de ensino de arte estaria além do apenas “fazer” arte, e sim a alfabetização similar aos exercícios de Paulo Freire, onde acontece com a experiência da leitura, realizadas no diálogo entre o professor e aluno, permitindo pluralidades de respostas e apontamentos sobre um mesmo objeto de estudo, sendo assim a ideia da pedagogia problematizadora. (BREDALIOLLI in BARBOSA, 2010)

A proposta triangular, foi vista em muitos momentos como metodologia, para Pimentel métodos são adotados como regras a serem fielmente seguidas, impedindo que a aula de arte seja um espaço para criar, ao contrário, a abordagem oportuniza a versatilidade das ações. (PIMENTEL in BARBOSA, 2010).

Ou seja, Pimentel esclarece:

É nesse sentido que a Abordagem Triangular – sistematizada por Ana Mae Barbosa na década de 1980 – vem contribuindo para a Arte/ Educação e o Ensino de Arte: não é um método a ser aplicado, mas uma proposta a ser

estudada e pensada criticamente. Sendo uma abordagem de arte/educação pós-moderna, favorece a ampliação de fronteiras culturais e interdisciplinares para o estudo da arte, pela compreensão histórica, social e cultural da arte nas sociedades, e pela elaboração da experiência artística. (PIMENTEL in BARBOSA, p. 212, 2010)

Outra questão relevante sobre a proposta, pois para desenvolvê-la era considerado somente as imagens “clássicas” da História da Arte, com o tempo, Ana Mae ao repensá-la insere as imagens da “grande massa” (Mass-media), midiáticas, imagens publicitárias, histórias em quadrinhos, adesivos e outras exercitando a leitura de mundo.

Antes de encerrar a temática sobre a abordagem, é necessário o destaque que por volta da década de 1990 a proposta foi amplamente trabalhada nas escolas Municipais da cidade de São Paulo durante a administração do Educador Paulo Freire como Secretário de Educação, onde aconteceram muitas formações para professores, coordenadores de Arte e demais responsáveis por Arte e Ensino. (MARQUES,2012)

Já em 1997, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais muda as diretrizes até então vivenciada e pesquisadas pelos agentes que adotaram em suas práticas a proposta.

Desta maneira, Ana Mae relata que:

Nesses Parâmetros foi desconsiderado todo o trabalho de revolução curricular que Paulo Freire desenvolveu quando Secretário Municipal de Educação (1989/1990), com vasta equipe de consultores e avaliação permanente. Os PCNs brasileiros dirigidos por um educador espanhol, desistoricizam nossa experiência educacional para se apresentarem como novidade e receita para a salvação da educação nacional. A nomenclatura dos componentes da Aprendizagem Triangular designados como Fazer Arte (ou produção), Leitura da Obra de Arte e Contextualização foi trocada para Produção, Apreciação e Reflexão (da primeira a quarta séries) ou Produção, Apreciação e Contextualização (quinta à oitava séries). Infelizmente os PCNs não surtiram efeito e a prova é que o próprio Ministério de Educação editou uma espécie de cartilha para o uso dos PCNs, determinando a imagem a ser “apreciada” e até o número de minutos para a observação da imagem, além do diálogo a ser seguido. Um autêntico exemplo da educação bancária que Paulo Freire tanto rejeitou. (BARBOSA, 2014, p.15)

Em linhas gerais, muitas leituras sobre a abordagem triangular desde então foram feitas pelos mais diversos agentes da educação. Nesses quase quarenta anos

ainda não despontou outra proposta que pode mudar os rumos pedagógicos no ensino de arte como tal e qual relevância.

A proposta triangular foi pensada na concepção da pós-modernidade, validou a entrada da imagem na sala de aula e a sua decodificação, as interpretações e leituras pessoais onde o sujeito infere sentido, retrato da expressividade de cada observador. A abordagem apresentada no esquema abaixo em formato triangular favorece a flexibilidade na ação didática, pois não existe ordem pré-estabelecida entre o fazer, os conhecimentos históricos e o exercício do olhar.

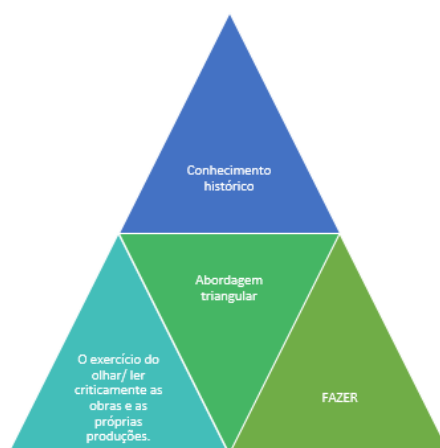


Figura 1 – Abordagem triangular
Fonte: Autoria própria.

3.2 ENSINO DA ARTE HOJE E A SOCIEDADE

Pensar o ensino da Arte hoje na escola é imprescindível, pois o desejo existente é tornar a Arte de fato impregnada nos sujeitos como linguagem necessária para vida, janela que conduz ao conhecimento mais amplo de si na localidade e comunidade, construindo o sentimento de pertencimento. Para isso é necessário refletir o quando a escola favorece esses saberes ou se o que é proposto na sala de aula relaciona com o papel da Arte fora da escola.

Diante desse desejo é fundamental pensar aspectos como: os alunos compreendem a arte, conseguem perceber a arte fora do espaço escolar e relacionar com as atividades apreendidas na escola? As impressões dos alunos sobre as atividades propostas na sala de aula afetam? Estimula desejos? Os alunos

desenvolvem prazer em fruir arte? Ou ainda acreditam que a aula de arte é somente desenho?

De acordo com Marques (2014) pouco é lembrado dos conteúdos aprendidos na escola nas aulas de arte e nem se quer o nome do professor, principalmente no período em que a disciplina era nomeada Educação Artística. E outro aspecto significativo é que diferentemente de outras disciplinas, como matemática, biologia, química, dentre outras a Arte é vivenciada fora da escola por outros mecanismos, e justamente por isso, muitos admiradores da arte, que tem em sua cultura a prática da apreciação, não relacionam essa postura com o que foi experimentado na escola.

Sendo assim, pode-se refletir que, estão presentes em na sociedade sujeitos que aprenderam a apreciar arte, sendo em museus, espetáculos e/ou em outros espaços, mas aprenderam a fruir a arte ainda em uma proposta classificatória, as artes legitimadas como Arte por um grupo e a Arte regida pelo neoliberalismo. E as artes da comunidade? E os artistas locais? Os produtores de cultura e sentido simbólico? É exposto na escola como objeto de estudo e análise?

Interessante rever que durante toda a história do ensino de arte, as artes visuais tiveram primazia na escola, e as demais linguagens em propostas dentro dos bastidores escolares, a serviços de outros interesses, e mesmo assim, o olhar dos sujeitos para rica produção visual estão voltadas para artes postas em locais específicos, como museus, galerias e outros.

E somente para esses locais é validado a arte e o conhecimento estético construído pelo homem. E que de certa forma está atrelada a interesses do mercado cultural. Diante disto, Isabel Marques e Fábio Brazil defendem:

Fazer, não para vender. Realizar, não para possuir. Dedicar-se, não por um pagamento. Construir não pela utilidade. Esforçar-se, não para vender. Conhecer não para competir. Unir-se a outros, não pelo retorno individual, mas pela construção de algo maior que as individualidades e de posse socialmente coletiva. Esses são alguns valores presentes no fazer/fruir/pensar da arte e que podem e devem estar presentes no ensino de Arte. Ensinar arte não pode se desvincular do fazer/pensar arte. (MARQUES & BRAZIL, 2014, p.36)

A sociedade de modo geral ainda espera do ensino de Arte uma boa aula de desenho, fruto do período onde preparava-se para um mercado industrial. As crianças no território da escola refletem os anseios impregnados pelos pais, que normalmente estão desconectados com conhecimentos empíricos culturais e artísticos locais. E isso responde a primeira pergunta que abre esse tema, se as crianças pedem aulas de

desenho, é por que não estão conseguindo relacionar os conteúdos aprendidos com a arte explicitada fora da escola.

Pois se assim estivessem, conseguiriam de alguma forma ampliar o olhar dos pais sobre a experiências vividas em aula. Pois estariam afetados pela arte, conduzidos a novos modos de viver e fruir arte. Refletir Arte não atende uma demanda trabalhista, desenhar de algum modo sim. A sociedade ainda espera da escola a preparação para um mercado de trabalho, e até os inexistentes no momento e futuro.

Conforme esse olhar, a proposta de reflexão estética dentro da escola nunca irá atender a utilidade do mercado, oferecendo lucros sim, porém sociais em uma dimensão não monetária, distante dos movimentos do trabalho, e de compra e da venda.

A segunda pergunta deste tema diz respeito às artes da comunidade. Se a sociedade de algum modo desenvolveu o olhar para as artes legitimadas por órgãos e instituições, valorizar, apreciar, pensar, produzir as artes invisíveis deste contexto, é algo distante da realidade. Entretanto, voltamos para a necessidade utilitária, pois as artes que não aparecem não são potentemente capazes de produzir lucros ou ter funcionalidade.

Porém, são eficazes em aproximar e comunicar que é possível e necessário produzir arte, pois são aspectos essencialmente humanos na construção do conhecimento. Possibilitando que os estudantes construam significados, e atuem na construção social não apenas com pretensão utilitária.

O cenário apresentado neste capítulo não é generalista, porém real em muitos lugares. Um dos fatores que não favorecem a mudança do quadro, diz respeito ao novo público que adentram as graduações em Arte sem uma relação mais íntima com a experiência estética, artística, cultural e inclusive sem um pensamento crítico.

Diante disso, Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães expressa que “ a área de Arte necessita de cursos que objetivem a formação de cidadãos críticos, inventivos e participativos” (MAGALHÃES citado por BARBOSA, 2012).

4 PRODUÇÃO ESTÉTICA REFLEXIVA

As atividades que serão propostas no presente trabalho têm o objetivo de provocar a reflexão do professor, da escola, do aluno e da família a respeito da necessidade da Arte na vida. Desenvolver o olhar e a busca investigativa sobre a Arte existente no território que os sujeitos pertencem e a importância delas para a história pessoal. Espera –se ainda que seja compreendido a necessidade do ser humano em se comunicar esteticamente para tolerar a vida, criando e recriando símbolos e signos, desenvolvendo a capacidade sensível de se reconhecer na expressividade de outrem. As propostas apresentadas foram desenvolvidas para professores, estabelecendo múltiplos diálogos, com arte e história de vidas, arte e a localidade, arte e materialidades e arte enquanto objeto simbólico. É explorado a versatilidade da abordagem triangular favorecendo a leitura de mundo. Se quer ainda, que estas, provoquem a reflexão ativa nos sujeitos responsáveis pela formação de outros sujeitos, ou seja o professor o primeiro sujeito afetado, como diz Larrosa “ o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta algum modo, produz alguns afetos, inscreve marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”. (LARROSA,2016)

Nesses ensaios didáticos é evidenciado alguns dos tantos artistas invisíveis de São José dos Campos, ainda não visto em livros didáticos/currículos e provavelmente nunca presente em exposições, porém são comunicadores estéticos/ artistas, que possuem uma gama considerável da linguagem estética local.

Para cada momento da abordagem triangular espera-se alcançar alguns objetivos, como em Leitura crítica: Reconhecer nos objetos e materiais a relação de histórica pessoal com a arte. Apreciar e analisar objetos artísticos e perceber a simbologia presente nos mesmos. Refletir sobre a relação e contato individual com as artes na sua história de vida. Entender a Arte como linguagem necessária para ser “humano”. Diante do fazer/produzir espera-se expressar –se em arte através das linguagens propostas em aula, utilizando materiais e recursos, para produção de elemento simbólico representando de modo próprio sua ideia. Produzir utilizando os materiais e objetos com intencionalidade. Entender e analisar as próprias produções como resultante de uma linguagem de signos e códigos. Para conhecimento histórico

espera –se perceber nos objetos de observação e nas obras de arte apresentadas a relação com a produção artística de uma época.

Diante de tais objetivos os conteúdos propostos são: Processo de criação nas linguagens da Arte, cultura pessoal, materialidades, poético pessoal, criação de novos signos e simbologias para expressão em arte, artistas locais (São José dos Campos) e Cultura local (São José dos Campos).

4.1 Experiências e saberes

Nesta atividade deve-se organizar o espaço em meia luz, som ambiente, contendo os materiais: tecidos, disco de vinil e vitrola, fitas antigas, arara com acessórios cênicos e figurinos, mesa com materiais para desenho e colagem, mesa com moringa e copo de água, mesa com garrafa de café e rádio, mesa com livros e fotos, mesa com instrumentos musicais, mesa com materiais para costura, tapete para compor a sala com cenas temáticas.

Leitura de cenas e objetos

Durante a apreciação a mediação deverá propor: Cada professor ao adentrar no espaço será um participante ativo do jogo da memória cultural, como jogador deverá atuar conforme a orientação do mediador, atento aos comandos. O jogador viverá momentos de diálogos silenciosos consigo mesmo e em outros momentos diálogos com outros participantes, atuando, interagindo ou somente sentido, de forma que seja capaz de perceber ou sentir outros diálogos ao mesmo tempo.



Figura 2 - vitrola e vinis
Fonte: Autoria própria

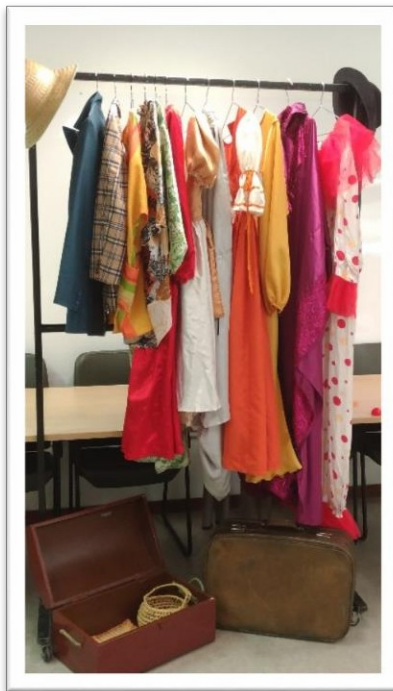


Figura 3 - Araras e
acessórios
Fonte: Autoria própria



Figura 4 - Elementos culturais
Fonte: Autoria própria

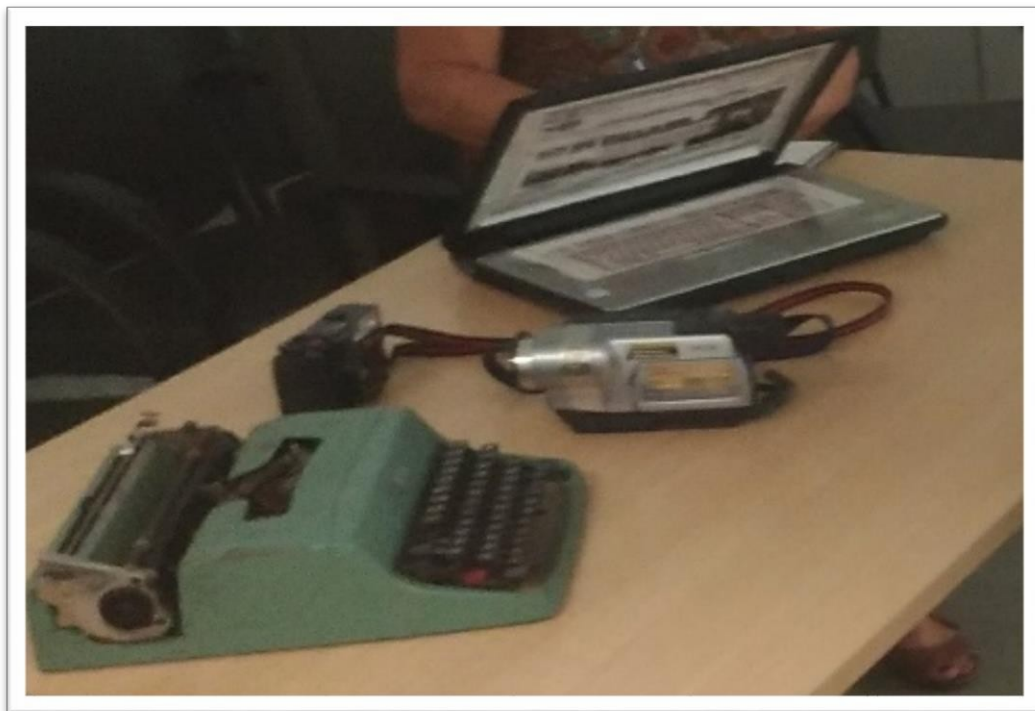


Figura 5 - Tecnologia- trabalho, foto e vídeos.
Fonte: Autoria própria

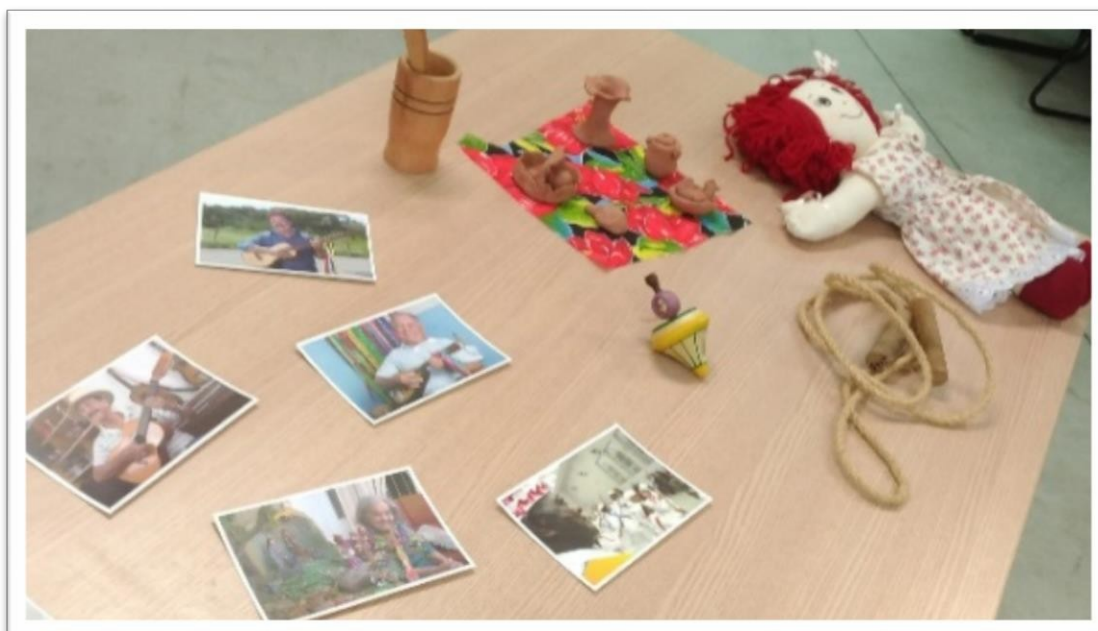


Figura 6 - Mestres locais e cultura da infância.
Fonte: Autoria própria



Figura 7 - Figurinos de balé
Fonte: Autoria própria



Figura 8 – Cartões postais- patrimônios da cidade de São José dos Campos
Fonte: Autoria própria

Propor a circulação pela sala em silêncio vivenciar a apreciação dos objetos. Escolha um canto especial e observe, ao som do comando, mude de espaço, e fique atento aos comandos. Observe os objetos e espaço. Os objetos provocam lembranças em você? Qual o seu contato com a Arte através do objeto, de que maneira na sua

infância experienciou momentos artísticos? Viveu alguma situação marcante? Registre em seu diário qual objeto e a cena vivida, se houver. O mediador deverá propor 3 trocas de espaço.

Após a leitura de 3 espaços, convide um colega para interagir com você em uma cena. Crie uma situação. Imagine e explore. Registre em seu diário a cena vivida e anote seus sentimentos. Registre em seu diário sua percepção da proposta.

Após interação, identifique um objeto que tenha importância na sua história e no seu contato com a Arte, escolha a linguagem artística que você tem mais afinidade produza uma obra. Utilize esse objeto na construção desse trabalho. Defina o que deseja comunicar com a sua obra. Observe se a escolha dos materiais para sua produção é importante para expressar sua ideia. Lembrando que a Arte é linguagem, comunicação através de símbolos e signos.

Apresentação dos trabalhos – apreciação dos trabalhos apresentados – Anote em seu diário suas reflexões, identifique o que foi marcante, o que afetou. Aprecie, ouça e sinta.

Refletir sobre sua produção e o quanto os materiais, recursos foram importantes na sua comunicação, analise, se outras escolhas fossem feitas, teria o mesmo resultado? Criar em seu diário um símbolo que seja capaz de expressar um objeto, cena ou momento relacionado a esse objeto vivenciado durante as atividades. Após a criação deverá partilhar o mesmo aos demais e descrever sua concepção. Nesta atividade é importante ser autêntico, para que de fato essa simbologia represente em sua essência o que foi vivenciado.

Conhecimentos históricos

Ao finalizar as etapas leitura e produção é necessário que os participantes se sentem em círculos juntamente com o professor mediador e partilha dos conhecimentos e experiências e saberes sejam vivenciadas. As histórias de vidas, as relações com as cenas e objetos, e as escolhas individuais devem ser evidenciadas à todo grupo.

É diante dos diálogos que o professor mediador fará a leitura crítica de cada objeto e cena apresenta, construindo junto aos presentes os conhecimentos históricos, contextualizando a uma época, carregada de interesses sociais, das quais somos resultantes ou não. Vale ressaltar a diferença entre linguagens da cultura e as

linguagens artísticas, analisando as características principais, identifica-las por região e origem. E para concretizar a proposta é importante socializar a criação de um símbolo que represente a cena, o objeto ou experiência vivida sob influência do mesmo. Essa etapa final evidencia a Arte como potente linguagem comunicadora através de simbologias.

4.2. “Aqui é o meu lugar”

A primeira etapa da série, deve se propor a leitura da seguinte obra:



Figura 9 - Título da obra: Deslocando I - Ano: 2017
Técnica: Acrílico sobre tela e colagem - Dimensões: 2,5 x 1,6 m
Artista: Michael Silva
Fonte: Autoria própria



Figura 10 - Deslocando I – detalhe1
Fonte: Autoria própria



Figura 11 - Deslocando I – detalhe 2
Fonte: Autoria própria

A etapa leitura deve ser feita com tempo, para favorecer a qualidade da observação. A obra foi concebida com a colaboração de outras mãos. Sugere-se algumas perguntas para auxiliar a leitura:

O que eu vejo?
Como percebo o plano de fundo?
Reconheço o local?
A obra apresenta uma figura dominante?
E qual a importância da figura em destaque para a cidade de São José dos Campos?
Qual a importância do local exposto como plano de fundo da obra?
Como é composta a figura destacada na obra?
Reconhece alguns lugares ou objetos?
Tem alguma experiência ou vivência em algum local apresentado na obra?
Como identifica os traços que compõem o desenho?

Quadro 1 – Reflexões sobre a obra

Fonte: Autoria própria

Para o momento leitura, preparar o espaço em círculo para uma conversa, e ter em mãos fotografias dos lugares que a obra apresenta em sua composição, favorecerá as lembranças e os diálogos. Nesta etapa, torna-se significativo garantir a escuta a cada história contada pelos participantes. A ideia é dar sentido ao olhar, provocar a experiência pessoal, e a relação com a vida, conforme propõe Larrosa (2016) “A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”. Mediar a percepção dos locais expostos na obra, relacionar com a existência de cada observador, ressaltando o valor patrimonial que cada lugar carrega para a cidade de São José dos Campos e para si.

Após a etapa leitura, importante trazer a mostra as informações sobre o artista e os conhecimentos históricos que expõem em sua temática.

Contexto do Artista e conhecimentos históricos

A infância do artista foi vivenciada no bairro Parque Industrial em São José dos Campos. E quando começou a estudar arte na escola, com a professora e artista Cidinha Almeida, foi provocado a olhar para as cores, cores nas paisagens, cores no pôr do sol. E para reforçar esse interesse, teve a oportunidade de realizar oficina de pintura com a Ana da Cunha.

Nesta oficina vivenciou o projeto “pintura no parque a partir da obra de Burle Marx”, colaborando para que Michael ampliasse suas relações com a cidade. Com esta experiência nasce o desejo de conceber uma obra sobre o Banhado, que é um parque urbano localizado na área central da cidade, tempos depois pinta um quadro para sua prima com essa temática, mas sabia que este não era ainda o trabalho que almejava criar enquanto artista.

Vale ainda resgatar, que a cidade de São José dos Campos, com tantos lugares e seus patrimônios culturais, é uma cidade de valor significativo para o país. Capital da região metropolitana do Vale do Paraíba e litoral Norte, palco de grandes empresas como General Motos, Jonhson, Petrobras, Monsanto, Gerdal, com destaque para

fabricante de aeronaves Embraer, que coloca o Brasil em evidência no cenário mundial na produção de aviões, tornando um dos símbolos da cidade.

A cidade conta ainda com relevantes centros de ensino de pesquisa como INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), DCTA (Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial), UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”), ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), FATEC (Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo) dentre outros. Mesmo diante deste cenário tecnológico, pois assim é conhecida a cidade, Michael Silva apaixonado pela vida artística, escolhe uma trajetória profissional junto a educação.

Tratando da vida profissional na Educação do artista Michael Silva, fato que merece destaque é sua caminhada de sucesso na educação sendo fruto de sua persistência em meio a uma sociedade que valoriza os bens da indústria. Michael estudou até o final do fundamental II em uma escola municipal de sua cidade, após completar o ensino médio, optou em graduar-se em artes visuais.

Ao concluir a graduação participa do concurso público municipal para professor de Arte, passa e ao escolher a escola efetiva se na mesma escola onde concluiu o fundamental II e torna se colega de sua professora. Em análise a obra, ao evidenciar as produções de seus alunos para compor a forma do avião, figura principal da composição, de certa forma, enquanto professor oportuniza as expressões estéticas dos estudantes, proporcionando produção de sentidos, e enquanto artista essa ação pode ser uma forma de agradecimento pelas experiências com arte adquiridas enquanto aluno.

Em continuidade a leitura da obra Deslocando I, percebe se o avião como elemento de maior significância para cidade, entretanto, o que compõe sua forma são patrimônios materiais e imateriais da cidade, desenhando pelas crianças, tendo como objeto de estudo a compreensão de novos valores em uma nova geração.

Nesse contexto o professor, favorece que seus educandos entendam que a utilidade dos saberes que não atendem os interesses econômicos, contrapõe ao sistema capitalista e favorece o pensamento crítico, a pesquisa, o pensamento livre, a permanência da memória, enfim conhecimentos necessários para uma sociedade que preza pela vida humana.

Produção

Após os diálogos da apreciação, da leitura e dos conhecimentos históricos, os participantes deverão escolher um local da cidade, de preferência com valor sentimental, para que possa fazer alguns registros fotográficos, em 3 etapas.

Primeira foto fotografar o local escolhido, local de afinidade pessoal em foto colorida. Segunda foto fotografar o local escolhido em foto preto e branco. Terceira foto buscar detalhes ou ângulos diferentes, provocando um novo olhar do espectador ao local.

Para concluir a atividade é importante organizar a exposição das fotografias, impressas ou digitais. Retomar os diálogos e fazer a leitura das imagens que nasceram deste processo. Proporcionando sempre a reflexão aos aspectos pessoais, as poéticas e aspectos históricos individuais. Existe a necessidade de fechar o ciclo, por isso a importância de voltar a etapa inicial de observação, para finalizar a leitura deve se ler as obras produzidas, relacionar com a história local e pessoal.

4.3. Tenho corpo para comunicar no espaço

Essa sequência de atividades deve ser vivenciada após as etapas apresentadas acima 4.2. e 4.2, é entendido a importância de se perceber enquanto sujeito que carrega uma bagagem histórica e de sentido cultural e também sujeito pertencente a um lugar, consciente do seu sentimento de pertença. É esperado com essa proposta o desenvolvimento da consciência corporal para comunicação estética, do exercício da pesquisa e do pensamento livre para elaboração da produção. A leitura continua sendo necessária como nutrição estética, termo este utilizado por Miriam Celeste e Gisa Psicosque (1998).

A leitura desta série de atividades trata-se do videodança Irradiação da artista Tatiane Morais, disponível em youtube, descrito nas referências bibliográficas. Esse vídeo é eficiente para compreensão da possibilidade de comunicação estética através do corpo e a utilização da tecnologia – artes integradas – termo proposto na Base Nacional Comum Curricular homologada em dezembro de 2017.

Após a apreciação, abre se para o diálogo da percepção da obra. Sendo importante promover o diálogo para que os participantes possam compreenderem

alguns aspectos significativos, como a modalidade apresentada pela a artista, se
essa

arte é dança, performance ou vídeo. Vale ainda perguntar se os participantes têm acesso a espetáculos de dança com frequência ou se não tem o hábito de presenciar tais eventos.

Diante das respostas, vale indagar:

Em qual local foi filmado a obra e se esse local tem sentido para mesma? Em análise aos movimentos, eles comunicam ou não pretensão artística? Existe uma comunicação ou esse corpo dança por dançar? Por que dançamos? Por que o ser humano dança? Como é a estrutura física do corpo humano?
--

Quadro 2 – Reflexões sobre a obra

Fonte: Autoria própria

E para finalizar é necessário que cada participante possa relatar a sua experiência pessoal com a dança.

Todas essas perguntas são provocadoras para pensar a proposta em análise e evidenciar saberes pessoais, somados aos saberes artísticos proposto pela artista Tatiane Moraes. Entretanto, diante do contexto histórico e a leitura crítica, a bagagem pessoal ficará com mais conteúdo.

Contexto do Artista e conhecimentos históricos

A artista tem 31 anos de idade, atua em grupos de Jazz e contemporâneo da cidade e também é arte educadora, leciona arte e especificamente grupos de dança na escola. Tem trabalhos autorais e também trabalhos de direção de grupos estudantis. Com jeito doce e reflexivo, propõem uma ação crítica diante dos grupos em que dirige, consegue abrir portas para a consciência de uma construção social democrática. Sua proposta com o videdança, intitulado “Irradiação”, traz em evidencia o valor artístico e patrimonial de algumas obras do artista Burle Marx e patrimônios artísticos culturais de e/em São José dos Campos.

O seu corpo é o canal de comunicação provocando o olhar do espectador aos painéis de Burle Marx situado no Parque da Cidade de São José dos Campos .

A movimentação da bailarina é integrada aos elementos visuais do lugar e obra. O seu corpo sinaliza e evidencia formas, cores, linhas, tons dos painéis e a beleza do estilo da casa, seus lagos e sua integralidade com a paisagem e os jardins de Burle

Marx. Dito de outra maneira, sua coreografia diz – olhe, veja esse painel, agora veja este outro, perceba a beleza da casa e sua transparência, sinta o cheiro e o desenho das plantas, conhece esse lugar? Não? Então: veja.

Enquanto conhecimento histórico, é necessário ressaltar que a população herdou o parque da cidade, frutos de dívidas não saldadas ao governo. Proprietários da fábrica Tecelagem, significativo marco de evolução industrial, a cidade vinda de um quadro econômico de grandes fazendas de café e produção leiteira, passa para a ascensão rumos ao quadro industrial. A população desde 1940 utiliza o espaço para eventos e festas, mas somente em 1996 oficialmente o parque recebe o nome de Parque da cidade e abre os portões para todos.

O nome do parque é uma homenagem a um artista responsável por todo paisagismo do local. Seu valor estético considerado devido aos grandes nomes responsáveis pelos projetos.

Atualmente na antiga casa está o museu do Folclore e a residência oficial foi restaurada em 2015 e 2016 e permanece fechada. O espaço é bem utilizado pela população e abarca algumas esculturas em céu aberto, elaborados

pelo Tatão, artista local. Mas infelizmente, é fato que nem todos frequentam o parque reconhecem ou sabem sobre tamanha riqueza cultural e artística que o espaço detém.

Produção

A encomenda necessária para essa proposta, deve ser realizada em etapas e de maneira coletiva. Sendo assim, a primeira ação é uma pesquisa sobre como eram as danças e festas vivenciadas pelos avós e pais dos participantes do estudo. A segunda ação deve se recriar uma festa de época, com os figurinos e alimentos também do período pesquisado.

E para concluir a proposta, o grupo definirá um fato marcante para o coletivo e criará uma performance ou sequência coreográfica original, utilizando o corpo como canal de comunicação não verbal. Nesta última atividade pode se utilizar os recursos tecnológicos, elaborando uma arte integrada, tendo em vista a criação e inovação no processo artístico.

Ao finalizar as ações, deve se retomar todo o processo e dialogar sobre a diferença entre tradição e inovação, criação artística e Arte como linguagem.

4.4. Crio porque respiro

A proposta para análise provoca a pensar porque o ser humano tem a necessidade de criar, de inventar, e transformar uma matéria em beleza. Para isso, na sequência, em primeiro plano a história de uma pessoa da comunidade Joseence, invisível como produtor artístico e apenas um cidadão comum trabalhador, será posta como reflexão.

Diante da imagem sugere-se perguntar:

Conhece o artista apresentado?

Reconhece a modalidade de trabalho do artista?

Na sua opinião qual a matéria prima que o artista utiliza?

Através das fotos, o que imagina sobre a proposta?

São tridimensionais ou bidimensionais?

É uma obra comercial?

Você acha que esse artista vive de arte?

Quadro 3 –Reflexões sobre a obra

Fonte: Autoria própria

Observe as demais obras apresentadas:

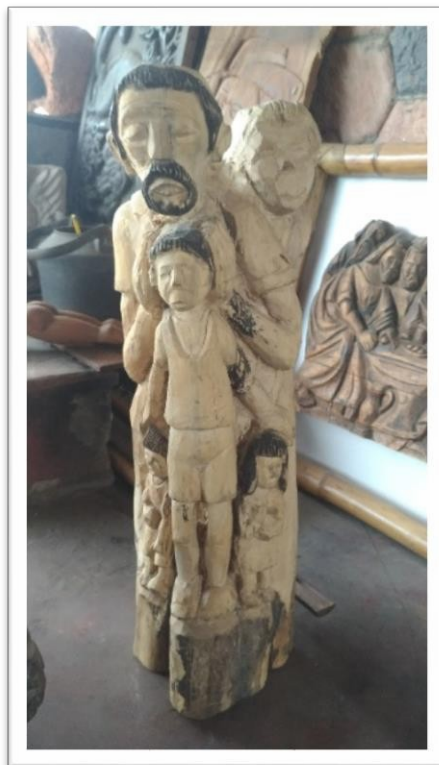


Figura 12 – Família Ferreira
Fonte: Autoria própria



Figura 13 – José
Fonte: Autoria própria



Figura 14 - Vida na roça
Fonte: Autoria própria



Figura 15 - Charreteiro
Fonte: Autoria própria



Figura 16 - Zé do Pito
Fonte: Autoria própria

Você compraria uma obra? Por que?

O que essas obras comunicam?

Você acha que essa obra é um objeto decorativo ou arte?

Na sua opinião as obras são populares ou clássicas?

Lembra outro artista?

Quadro 4 – Reflexões sobre a obra

Fonte: Autoria própria

As perguntas têm intenção de provocar o olhar para uma análise sobre o conceito de arte, arte popular e objeto decorativo. Diante das questões aproximamos do papel da arte para o homem.

Produção

Após a nutrição apresentada acima, obras tridimensionais, deve se propor a elaboração de esculturas, utilizando o gesso como matéria expressiva. O tema será a tentativa de representar o contexto de cada um, propõe criar a vida do homem do campo, vida simples, deve refletir sobre o homem contemporâneo e criar a escultura que represente a sociedade hoje. Durante ou após a produção é pertinente a apresentação do contexto do artista.

Ao encerrar essa etapa, sugere realizar o croqui da escultura em bidimensional. Para concluir a sequência, deve se organizar uma exposição dos trabalhos, organizar uma equipe educativa que possa orientar a visita ao espaço expositivo contextualizando a proposta aos visitantes.

Contexto do artista

As obras apresentadas como nutrição para a série *Crio porque respiro*, é fruto da produção intuitiva do artista que nasceu em São Bento do Sapucaí, e por volta de 5 anos sua família mudou se para São José dos Campos – São Paulo, onde reside até hoje na Zona Norte da cidade.

Produz sua arte nos dias de folga, pois sabe que neste país para viver e sustentar a família com sua produção é impossível. Relata que a sociedade não valoriza, quando expõem suas peças em feiras, diz que as pessoas admiram, mas não compram, pois querem objetos utilitários e que possam ser produzidas em pouco minutos.

A produção é fruto de um pensamento sustentável, trabalha com a madeira das árvores caídas da propriedade da família. Todo seu empenho para criar tem o apoio e companheirismo de Sirene, sua esposa que também tem habilidades artísticas.

Comenta que desde cedo sabia desenhar, na escola sempre era solicitado para produzir os cartazes e trabalhos. Diz que para ele é muito fácil,

nunca apresentou dificuldade. Revela também, que os desenhos estudados em aula, tratavam de temas religiosos e históricos.

Atualmente trabalha como concursado em uma autarquia pública de São José dos Campos, mas nos tempos livres, produz sob encomenda. Já produziu nossa senhora de madeira para procissão e crucifixo para igrejas e encomendas particulares.

Após a apresentação do contexto do artista, é válido perguntar se o grupo pode identificar em sua comunidade algum artista, que produz e não está no circuito das instituições legitimadas pelo mundo da Arte. E se há um artista local, como é visto pelos seus? E diante dessas perguntas refletir sobre a necessidade de criação do ser humano, pontuando os feitos da humanidade. A reflexão é necessária e deve ser dialogada, pois desta maneira propiciamos a partilha do conhecimento.

5 A ARTE COMO NECESSIDADE

Este capítulo tem a intenção de trazer a reflexão sobre aspectos importantíssimos na construção do ser humano, e de modo geral não são valorizados, pois na lógica comercial a Arte não favorece a conquista de lucros, por estar desvinculado de qualquer fim funcional.

No contexto atual, tudo que não produz benefício financeiro é considerado como supérfluo e descartado, um exemplo disso, pode se citar o Brasil, com a queda da Presidente Dilma Rousseff e a ascensão de Michel Temer, em seu primeiro dia de mandato coloca a pasta da Cultura na primeira da fila dos cortes econômicos, mostrando o valor e o olhar que o seu governo teria em relação a formação de um país e seus sujeitos.

Pois como foi citado na introdução deste trabalho, sem conhecimento de si e a consciência da própria história, não é possível reinventar o presente (MACHADO, 2002), o que contraria a citação presente acima. A arte oferece saberes que não colaboram com o mercado dominante, e sim o cultivo do ser, o cultivo da história de um povo e a permanência da sua memória e tradição, e deveria estar impregnado em toda ação humana.

É entendível que para uma sociedade que tem governantes que pouco valorizam as atividades culturais, como irão compreender o valor de uma música? Uma obra visual? Uma dança? Sendo assim não é fácil compreender a necessidade de parar para olhar e como nos propõem Larrosa, “parar mais devagar” frente a uma arte poderá atrasar a corrida frenética em busca de ações lucrativas, e como afirma Ordine:

(...), e se escutarmos unicamente esse mortífero canto das sereias que nos impele a perseguir o dinheiro, somente seremos capazes de produzir uma coletividade doente e sem memória que, perdida, acabará perdendo o sentido de si mesma e da vida. E então, quando a desertificação do espírito nos fizer murchar, será realmente difícil imaginar que o insipiente Homo sapiens ainda poderá ter um papel para tornar a humanidade mais humana...) (ORDINE,2016,P.28).

A experiência estética na qual se tem a preocupação em garantir de maneira significativa no ensino é entendida como necessidade, assim como precisamos respirar, criando energia e estímulo para pensar em um mundo melhor. E sem essa prática como indica Ordine (2016) estaremos doentes, perdendo o sentido e a verdadeira essência humana. É uma situação que pode favorecer o fracasso de uma

nação é a ignorância, muito mais preocupante que a miséria, seria possível até concluir que a ignorância pode promover a miséria coletiva.

Diante da compreensão que o conhecimento colabora para evolução dos sujeitos, tirando os de um cenário de decadência intelectual, é entendido a necessidade de olhar, ler, entender, experienciar, criar arte é um caminho para adquirir valores cognitivos, morais, intelectuais e emocionais. Pois a educação estética reflexiva propõe situações que o sujeito pode afasta-se da sua realidade, transpondo-se para outro tempo, realizando multiplicas relações de sentidos, redesenhando o mundo e abrindo –se para novas perspectivas.

A situação que se deseja chegar com a experiência com arte, é que o sujeito veja o mundo diferente do cotidiano, consiga desprender se do imediatismo da vida e conduzir –se para novas formas de pensar, influenciando mudanças e desprendendo –se daquilo é de fato superficial. E como afirma Ordine:

Especialmente nos momentos de crises econômica, quando as tentações do utilitarismo e do egoísmo mais sinistro parecem ser a única tábua de salvação, é preciso compreender que exatamente aquelas atividades que não servem para nada podem nos ajudar a escapar da prisão, a salvar-nos da asfixia, a transformar uma vida superficial, uma não vida, numa vida fluida e dinâmica, numa vida orientada pela curiositas em relação ao espírito e às coisas humanas. (*ORDINE, 2016, P.19*)

Todas as atividades proposta neste trabalho, oferece oportunidade de parada e reflexão para objetos, que são portas para o entendimento que o ser humano precisa daquilo que não tem função, e são essenciais para a existência, pois a arte crava que o ser humano não é máquina ou escravo.

Em frente a tantas tarefas do cotidiano contemporâneo o homem ainda é afetado pelo desejo de criar, compor, reelaborar, experimentar sem dar utilidade, e sem notar outros indivíduos são colocados em situação fluidos para olhar, sentir, ouvir e inconscientemente compreendem que sem essas atividades poderão sofrer ou viver de maneira infeliz. A ausência dessas ações poderão ser ameaças, impedindo que sujeitos encontrem consigo mesmo e reflitam.

Para que haja uma crescente compreensão e busca da arte como necessidade, não basta apenas o papel do professor, são necessárias ações em todas as esferas, dito de outra maneira, expõem o texto de Víctor Hugo, citado por Ordine:

É tarefa da educação pública afastar o homem das misérias do utilitarismo e educa-lo para o amor ao belo e àquilo que não é marcado somente pelo interesse, o amor ao que é gratuito (“ É preciso fazer reviver o espírito do homem, volta-lo para Deus, para consciência, para o belo, o justo, o verdadeiro, para o desinteresse e para tudo o que é grande”). Para atingir tal objetivo, é preciso fazer escolhas opostas àquelas tomadas “pelos governos precedentes” e pela atual “comissão de finanças”: Seria preciso multiplicar as escolas, as cátedras, as bibliotecas, os museus, os teatros, as livrarias. Seria preciso multiplicar os espaços de estudo para as crianças, os espaços de leitura para os homens, todas as organizações, todas as instituições nas quais se medita, nas quais se educa, nas quais se acolhe, nas quais se aprende algo, nas quais nos tornamos melhores; numa palavra, seria preciso fazer entrar a luz no espírito do povo; porque é devido às trevas que ele se perde. (VOCTO HUGO IN ORDINE, 2016, P. 112-113).

Está instaurada a necessidade da arte, não vivemos sem arte, é preciso propiciar o campo da experiência estética significativa para que os sujeitos se apropriem dos saberes e construam novos conhecimentos, considerando a priori a essência humana, pois como salienta Ferreira Gullar “A Arte existe porque a vida não vasta”. (CANALBRASIL.GLOBO,2017)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho Produção Estética Reflexiva trouxe um panorama sobre a história do Brasil em relação ao ensino de arte, pautada no domínio colonial e no interesse de uma classe dominante. A partir de 1870 percebe –se os primeiros movimentos para estimular nas escolas o ensino do desenho em atendimento a demanda industrial que era um crescente da época. Depois desse período, alguns personagens, tanto da área artística quanto dos sistemas, puderam colaborar para ruptura de um pensamento tecnicista em prol de uma concepção libertadora.

Ficou em destaque a figura da Ana Mae Barbosa e todo o seu esforço em apresentar uma nova concepção sobre o papel da Arte para o ensino, e instaurar a abordagem triangular, na qual tinha por objetivo garantir o conhecimento histórico para ampliação do repertório imagético, a leitura crítica sendo o exercício do olhar as obras e as próprias produções, e o fazer o momento da criação com consciência crítica.

Ana Mae ressalta que não há uma ordem nas proposições, por isso deixa em evidencia que a proposta triangular apresenta –se como uma abordagem. Outro fato relevante sobre a proposta da Ana Mae, pois para desenvolvê-la deveria considerar não somente as imagens clássicas da História da Arte, mas também as imagens da grande massa, exercitando a leitura de mundo.

De acordo com a pesquisa são quase quarenta anos desde quando foi exposta a abordagem aos professores no Festival de Inverno de Campos do Jordão, ainda assim, de acordo com Marques é percebido no pensamento social a necessidade de uma cultura do desenho, nascida na época do primeiro avanço industrial no Brasil. Dito de outra maneira, a sociedade espera do ensino de arte uma função utilitarista, colaborando para inserção no mercado de trabalho.

As atividades sequenciadas apresentadas neste trabalho de forma alguma atendem à demanda trabalhista, ao contrário, vem oferecer possibilidades do desenvolvimento de saberes que não estão classificados na esfera econômica, no campo do utilitarismo frenético instaurado nesse tempo. As atividades vêm propor a reflexão com intenção de inspirar novos olhares a respeito do que é conhecimento e também do que é necessário para uma vida humana.

Em primeiro momento ofereceram um território para pensar a sua própria história dos participantes, analisando as possíveis influências vividas com a sequência

experiência e saberes. Em etapa seguinte, as proposições tentaram deslocar o pensamento sobre os valores pré-estabelecidos alinhados aos interesses econômicos de uma cidade com a análise da obra *Deslocando I*, aos saberes essenciais, aos nossos bens e patrimônios materiais e imateriais.

Já em leitura da obra *Irradiação*, além de provocar o olhar para os bens e patrimônios utilizados como espaço de lazer e recreação, deseja –se propor o desenvolvimento do conhecimento através do próprio o corpo, tão negado em período que o foco era preparação da mente para o trabalho. Forçosamente as atividades fizeram pensar sobre a necessidade do ser humano em relação aquilo que é considerado supérfluo, as festas, as danças e os encontros, dito de outra maneira aquilo que é necessário para trazer alegria a vida.

E para encerrar a sequência *crio porque respiro* traz em destaque a experiência estética solitária, que mesmo sem lucros não abre mão de viver o seu tempo de criação. Em seu contexto apresentou que a falta de valorização social que não permitiu ao artista viver de sua arte.

Em cada sequência de atividades a que propostas, com obras de artistas da localidade para o momento de leitura e apreciação, há preocupação de garantir o tempo para diálogos que possibilitem as mais diversas aberturas e análises, favorecendo uma ruptura ao ensino e aprendizagens coloniais, desenvolvendo o olhar de pertencimento diante das obras locais.

Ao final delas como fechamento da sequência deverá ser garantido novamente as múltiplas leituras e apresentação dos contextos pessoais, legitimadas por cada produtor participante.

Toda intencionalidade do trabalho esteve pautada na construção de saberes que traz luz ao espírito, considerados essenciais para desenvolvimento de um povo. Foi sugerido com as atividades tempo para reflexão estética de modo que os saberes possam ser construídos e compartilhados, e também revistos os valores ignotos devido a demanda econômica atual.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil**. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira (Org.). **Abordagem Triangular no ensino das artes e cultura visual**. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo, Perspectiva, 2012.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução Cristina Antunes, João Wanderleu Geraldi. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na Escola**. São Paulo: Cortez, 2012.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer**. 2ed. São Paulo: Planeta, 2014.

CANAL BRASIL.GLOBO. Disponível em: <http://canalbrasil.globo.com/programas/e-tudo-verdade/materias/arte-existe-porque-vida-nao-basta-sera-exibido-em-junho.htm>. Acesso em: 20. Março 2018

MORAES, Tatiane. VÍDEO IRRADIAÇÃO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7sAktvkZeQI&feature=youtu.be>. Acesso em: 15. Fev. 2018

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular.

Disponível

em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 30. Jan. 2018